

Como nasceu um escritor: caminhos e perspectivas

Juvenal Bucuane *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0002-1815-4043>

RESUMO: Nasceu em Xai-Xai a 23 de Outubro de 1951. Doutor Honoris Causa em Literatura e Filosofia, pela Cypress International Institute University do Texas (EUA); Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Eduardo Mondlane; Licenciado em Linguística pela Faculdade de Letras (actual Faculdade de Letras e Ciências Sociais) da UEM; Curso de Estudos Portugueses pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Membro efectivo da Associação dos Escritores Moçambicanos e seu antigo Secretário-Geral; Membro Honorário do CEMD; Membro Honorário do MIL, Embaixador Cultural da Unión Hispanomundial de Escritores – UHE Moçambique; Membro (na vertente da lusofonia) da IMA. Sua poesia é plácida e romântica, apresentando a mulher amada como refúgio.

PALAVRA-CHAVE: Literatura; Moçambique; Bucuane; Escrita

Comment est né un écrivain: parcours et perspectives

RÉSUMÉ: Né à Xai-Xai le 23 octobre 1951. Docteur Honoris Causa en Littérature et Philosophie, par le Cypress International Institute University of Texas (USA) ; Diplôme en droit de la Faculté de droit de l'Université Eduardo Mondlane; Diplôme en Linguistique de la Faculté des Lettres (actuelle Faculté des Lettres et Sciences Sociales) de l'UEM; Cours d'études portugaises à la Faculté des lettres de l'Université de Lisbonne. Membre effectif de l'Association des écrivains mozambicains et son ancien secrétaire général ; membre honoraire du CEMD; Membre Honoraire de la MIL, Ambassadeur Culturel de l'Unión Hispanomundial de Escritores – UHE Moçambique ; Membre (en termes de lusophonie) de l'IMA. Sa poésie est placide et romantique, présentant la femme qu'il aime comme un refuge.

MOTS- CLÉ: Littérature; Mozambicain; Bucuane; En Écrivant

Ndlela leyi mutsari a velekiweke ha yona: tindlela na mavonelo

XITLHOKOVETSELO: U velekiwile eXai-Xai hi October 23, 1951. Dokodela Honoris Causa eka Matsalwa na Filosofi, hi Cypress International Institute University of Texas (USA); Digiri ya Nawu ku suka eka Xiyenge xa Nawu xa Yunivhesiti ya Eduardo Mondlane; Digiri ya Vutivi bya Tindzimi ku suka eka Fakikhali ya Vutshila (Fakhalithi ya sweswi ya Vutshila na Sayense ya Ntshamiseko) eUEM; Khoso ya Dyondzo ya Xiputukezi eka Xiyenge xa Mapapila xa Yunivhesiti ya Lisbon. Xirho lexi tirhaka xa Nhlngano wa Vatsari va le Mozambique na khale ka Matsalanankulu wa wona; Xirho xo Hlonipheka xa CEMD; Xirho xo Hlonipheka xa MIL, Muyimeri wa Ndhavuko wa Unión Hispanomundial de Escritores – UHE Moçambique; Xirho (hi ku ya hi Lusophony) xa IMA. Vutlhokovetseri bya yena byi rhulile naswona byi na rirhandzu, byi humesa wansati loyi a n'wi tsakelaka tanihi vutumbelo.

RITO RA NKOKA: Matsalwa; Mozambhiki; Bucuane; ku tsala

* Apresentou palestra no Projeto “Matabicho Linguístico e Pedagógico” da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês, Bahia.



Fonte: Jornal O País (24 de maio de 2019)

Comecei muito cedo a partir a pedra para construir a estrada que me levaria até o que sou hoje – Escritor e Poeta moçambicano, passados mais de 40 anos de percurso.

Na verdade, o meu sonho literário desponta em 1968, tinha eu nessa altura, 17 anos de idade, quando dificuldades de carácter familiar me empurraram a ser monitor ou seja, professor primário na escola missionária do meu Bairro de infância e adolescência, o Bairro Indígena, um subúrbio de Lourenço Marques, hoje Maputo, capital moçambicana.

A necessidade de preparar a aula que iria dar no dia seguinte foi o impulso que me levou a aproximar-me dos textos escritos. Na altura eu estudava de noite.

*Essa circunstância não me deu outra alternativa que não aplicar-me na leitura de livros, inicialmente escolares, e mais tarde o frenesim derivou para outras matérias e acabou descambando na literatura, concretamente, na poesia, a que cresceu, mais tarde, a prosa. Estas leituras eram orientadas por professores conhecedores do ofício, das escolas por onde ia passando. Eles recomendavam autores clássicos de várias nacionalidades, desde a antiguidade àquela parte. Foi assim que ouvi falar d' **Os Lusíadas** – de Luís de Camões; **Ilíada** e **Odisseia** – de Ulisses; **Eneida** – de Virgílio; a **Divina Comédia** – de Dante. Honoré de Balsac, Víctor Hugo e tantos outros. Isto em referências académicas, o que me impeliu a ler os que me estavam à mão: Os Lusíadas de Luís de Camões, e alguns outros da lavra lusa.*

E muitos mais autores referidos na escola. Acresci a essa sede de leitura, livros de autores brasileiros em que quem mais me atraiu foi Jorge Amado e poetas como Castro

Alves, Manoel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, de entre muitos outros. Li também livros meramente lúdicos entre Banda Desenhada e romances abordando temáticas diversas. Lia também romances sobre o Far West americano.

Nessa época, final da década de 60 do século passado, havia um controlo fechado sobre o que se deixava e não se deixava ler, aí, a minha curiosidade e a dos outros jovens, presumo, aguçou-se mais e passamos a ler, clandestinamente, livros proibidos, pois o interesse era saber o motivo da proibição de certas leituras! Foi o tempo dos grandes movimentos mundiais da negritude, o tempo em que a África já se agitava reclamando a sua liberdade do jugo colonial.

Foi um momento muito fértil, intelectual e politicamente, pejado de movimentos contestatários em quase toda a parte. Foi o tempo do Pan-africanismo que, de certa forma abanou as estruturas coloniais em África. Da América chegavam ecos do movimento cívico exigente da igualdade de direitos entre brancos e negros, que mais tarde viemos a saber que era um movimento reivindicativo dos Direitos Humanos. Entre nós, ainda muito jovens, falava-se à boca pequena, por exemplo, de Ângela Davis, de Jesse Jackson, de Martin Luther King e de outros lutadores pela igualdade de direitos entre brancos e não brancos. Foi este forno múltiplo de emoções que, paulatinamente forjou o meu carácter e o desejo ávido de leitura.

Nos primeiros anos da década de 70 fui alistado e recrutado para o Serviço Militar Obrigatório. Servi o exército colonial durante dois anos, pois em 1974 deu-se o Golpe de Estado em Portugal, pondo fim ao regime de matriz fascista que governava todo o império português, o que veio a proporcionar as independências dos territórios africanos sob o jugo colonial, nomeadamente: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Durante o tempo em que servi o exército, ocupava os meus tempos livres com a leitura de livros e, com alguma veleidade, começava a tentar escrever pequenas histórias resultantes da minha imaginação face ao que me rodeava: o que observava, vivia e ouvia, pessoas e ambientes, e ensaiava, também, escrever poesia, inicialmente romântica e, posteriormente, abordando aspectos sociais que iam ganhando lugar, à medida que me ia apercebendo das realidades a que Moçambique colonizado estava submetido.

Proclamada a Independência de Moçambique em 1975, destapou-se o manto colonial, as almas moçambicanas se abriram para a liberdade e foi nessa época que deram a cara, muitos escritores e poetas, jovens e adultos que, afinal, se escondiam nas dobras do tempo. Entre eles, brancos, pretos e mestiços. Foi aqui que a academia

moçambicana despertou e se escancarou, dando a conhecer uma literatura que, afinal, se ia desenvolvendo aberta ou clandestinamente, ao longo da dominação colonial.

Eu já escrevia umas poucas linhas, em prosa e em poesia mas sem nenhuma expressão para me empolgar e expor-me à luz do dia. Entretanto as gavetas dos móveis lá em casa abarrotavam de material escrito, talvez sem qualquer utilidade, pois eu era um autodidacta, portanto, sem qualquer orientação de especialistas em literatura, mas como nunca desisti de estudar, ao longo das aulas que ia frequentando, nutria-me dos aconselhamentos que alguns professores iam dando, até que numa escapadela, mostrei os meus escritos a uma professora minha de Português e Francês que, impressionada, sugeriu-me a entrega de algum daquele material a jornais e revistas culturais da época. E ela ajudou-me a tirar a máscara do medo que escondia o meu rosto. Assim, em alguns jornais e revistas começou a aparecer alguma produção literária da minha autoria, em espaços culturais muito fechados a principiantes. Isso empolgou-me muito, deu-me muita confiança em mim próprio e comecei a acreditar em mim e, finalmente, cresceu, de facto, em mim, o bicho da literatura, não apenas como um consumidor, mas também como executor, como autor. Isto foi por volta da 2ª. Metade da década de 70.

Com este “Abre-te Sésamo”, continuei a publicar os meus escritos nos suplementos culturais dos órgãos de comunicação social nacionais, nomeadamente: Jornal ‘Notícias’; Jornal ‘Domingo’; Jornal ‘Notícias da Beira’; Revista ‘Tempo’. Alguns textos já eram publicados na Revista ‘Jeune Afrique’ – um órgão que tratava de assuntos políticos e culturais sobre África, nas línguas francesa e árabe; outros publicados nas línguas búlgara e finlandesa; e ainda outros difundidos através da Rádio Moçambique. Desta forma apercebi-me do retorno da minha acção; apercebi-me de que as pessoas não estavam alheias aos meus escritos, alguns elogiavam-me ao se cruzarem comigo, demonstrando que os liam e ouviam.

Assim empenhei-me ainda mais, até que, em 1982 sou convidado a acompanhar, como observador, a criação da AEMO – Associação dos Escritores Moçambicanos.

No ano seguinte sou convidado a candidatar-me como membro desta agremiação literária recém-fundada e sou aceite em 1984 quando publico o meu primeiro livro, A RAIZ E O CANTO, de poesia. Começa desta forma, o meu compromisso social como escritor e poeta moçambicano. Quando me candidatei em 1982 conheci um grupo de jovens também imbuídos com a mesma vontade. E em 1984 criamos e começamos a editar (a 23 de Junho de 1984) a Primeira Revista Literária pós-Independência de Moçambique, denominada CHARRUA. em termos nominais, foram fundadores desta revista: Juvenal

Bucuane, Eduardo White, Hélder Muteia, Ungulani Ba Ka Khosa, Pedro Chissano e Ídasse Tembe. Ela posteriormente é sustentada por um movimento de jovens amantes da literatura, de entre os quais despontaram inúmeras jóias literárias que trazem nas suas bagagens o brilho que ofusca certos paradigmas do passado.

É neste momento que a literatura moçambicana conhece outro fôlego do seu desenvolvimento, pois estes jovens inauguram um novo paradigma nas letras moçambicanas, rompendo com formas e conteúdos das literaturas anteriores, no espaço intelectual moçambicano, como, por exemplo, a contestação contra as imposições do regime colonial, em relação aos moçambicanos negros; as referências constantes ou reiteradas ou recorrentes à guerra de libertação e à tentativa luso-tropicalista de perpetuar o poder colonial.

Este espaço fora antes habitado, portanto, por outras literaturas enquadradas na periodização que a respeitada Professora Fátima Mendonça, insigne docente de Literatura na Faculdade de Letras, mais tarde Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, personalidade autorizada no campo das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, no seu livro **“Literatura Moçambicana – a história e as escritas”**. Ela divide o percurso da literatura moçambicana em três períodos, antes da proclamação da Independência de Moçambique em 1975:

O 1º Período, que vai de 1925 a 1945-47.

O 2º Período, que vai de 1945-47 a 1964.

O 3º Período, que vai de 1964 a 1975.

Os meus companheiros da Revista Charrua, indicaram-me como o Coordenador do Órgão e do Movimento de jovens que a suportavam, até 1986, quando ela deixou de ser editada, com 8 números publicados.

É a partir deste fecho abrupto que os jovens da Charrua passaram a valer-se por si próprios, cada um seguindo o seu caminho. Eu não poderia ser uma excepção, por isso comecei a limpar, sozinho, os caminhos por onde queria que os meus sonhos de escritor passassem. Logo, em 1986 lancei o meu segundo livro: **“RÉQUIEM – Com os olhos secos”**, de poesia. Daí nunca mais parei de ler, de escrever e de publicar livros, de publicar ensaios e de participar em eventos literários de todos os tipos, incluindo antologias, nacionais e internacionais, em festivais e em simpósios. De 1984 a 2023, tenho publicados mais de 20 livros entre prosa e poesia, nomeadamente:

1. **A Raiz e o Canto** – 1984 (poesia);
2. **Requiem: com os olhos secos** – 1987 (poesia);
3. **Xefina** – 1989 (contos);
4. **Segredos da Alma** – 1989 (poesia);
5. **Limbo Verde** – 1992 (poesia);
6. **Kumbeza** – 1997 (contos);
7. **A Denúncia** – 2003 (romance);
8. **Epicentro** – 2005 (poesia);
9. **Sal da Terra: Histórias do nosso chão** – 2005 (contos);
10. **Igreja de Malehice: Coautoria, com Renato Matusse** – 2005 (história);
11. **Marco Zero** – 2008 (poesia);
12. **Zevo, O Miliciano (e outros contos)** – 2009;
13. **Desabafo (e outras estórias)** – 2009;
14. **Xefina (2ª edição)** – 2009 (contos);
15. **Crendice ou crença** – Quando os manes ancestrais se tornam deuses – 2012 (Romance);
16. **O Fundo Pardo das Coisas** – 2014 (poesia);
17. **Arresto de Vozes (ou o cúmulo discursivo literário Volume I)** – 2017 (Percurso literário de Juvenal Bucuane);
18. **Meu Mar** – 2018 (poesia – Edição brasileira).
19. **Arresto de Vozes (ou o cúmulo discursivo literário Volume II)** – 2018 (Percurso literário de Juvenal Bucuane);
20. **Meu Mar (2ª Edição)** – 2019 (poesia – Edição moçambicana);
21. **Arresto de Vozes (ou o cúmulo discursivo literário Volume III)** – 2020 (Percurso literário de Juvenal Bucuane);
22. **Bairro Indígena** – Memórias do Esplendor e da Degeneração – 2021 (Memórias);
23. **Requiem: com os olhos secos (2ª Edição)** – 2021 (poesia);
24. **Geração Charrua: Uma juventude literata ao ritmo do seu tempo:1983-986** – 2022 (Memórias);
25. **Masingita** – Ou a subtileza do incesto (Novela) – 2022;
26. **Phombe** – Um trágico 9 de Janeiro em Chitima – 2023 (Novela)

Tenho prefaciado e apresentado livros de outros escritores. Já ocupei vários cargos nos órgãos sociais da Associação dos Escritores Moçambicanos, nomeadamente: Mesa da

Assembleia-Geral; Secretariado, Conselho Fiscal, de entre os quais o mais saliente foi o de Secretário-Geral da AEMO, de 2005 a 2008.

A maioria dos nomes hoje mais sonantes na literatura moçambicana são originários da Revista Literária e do Movimento CHARRUA. Alguns, muito poucos, com o seu sonho aliado ao talento iniciaram-se na mesma época, mas fora da acção dos charrueiros. São exemplos palpáveis disso: Mia Couto, Paulina Chiziane, João Paulo Borges Coelho. Acredito que outros houve nesta linha.

Muitos novos e significativos nomes vão surgindo no panorama literário moçambicano, porém importa aqui reflectir e salientar que a CHARRUA lavrou a terra e entranhou a semente, no longínquo ano de 1984, que hoje germina com muita qualidade.

Participei no arranque, há 4 décadas e hoje espaireço a vista sobre toda a obra que ajudei e ainda ajudo a construir.

As minhas perspectivas são o alcance da excelência da literatura moçambicana, portanto, não se resumem apenas na minha satisfação pessoal, mas no ideal mais almejado por todos os meus concidadãos, a elevação, para o lugar mais alto possível, da literatura do meu país - Moçambique

Gostaria de incentivar, sobretudo aos que sonham ser escritores ou já são debutantes em qualquer género literário, que sejam disciplinados, perseverantes e ousados, e lembrar que a literatura não se compadece com imediatismos, com pressas, mas também não com preguiças! Ela deve ser respeitada e reflectida, amada e praticada com todo o esmero e em todo o tempo que se nos abre, para que seja, de facto, uma construção perfeita que sirva os desígnios da humanidade. Ela deve servir o mundo com toda a sua perenidade.

Eu ainda sonho como quando ainda era infante, adolescente e jovem, pois o sonho, como diz António Gedeão, poeta português, no seu poema: PEDRA FILOSOFAL, “...o sonho comanda a vida,/ ... sempre que um homem sonha/ o mundo pula e avança”.

A terminar exorto a todos os escritores a serem verdadeiros porque nós somos os porta-vozes do mundo. Através de nós tem-se o conhecimento da cultura geral.

Pela audiência prestada à minha apresentação, muito obrigado.

Maputo, 28 de Abril de 2023

ALGUMAS CAPAS DE OBRAS DE JUVENAL BUCUANE

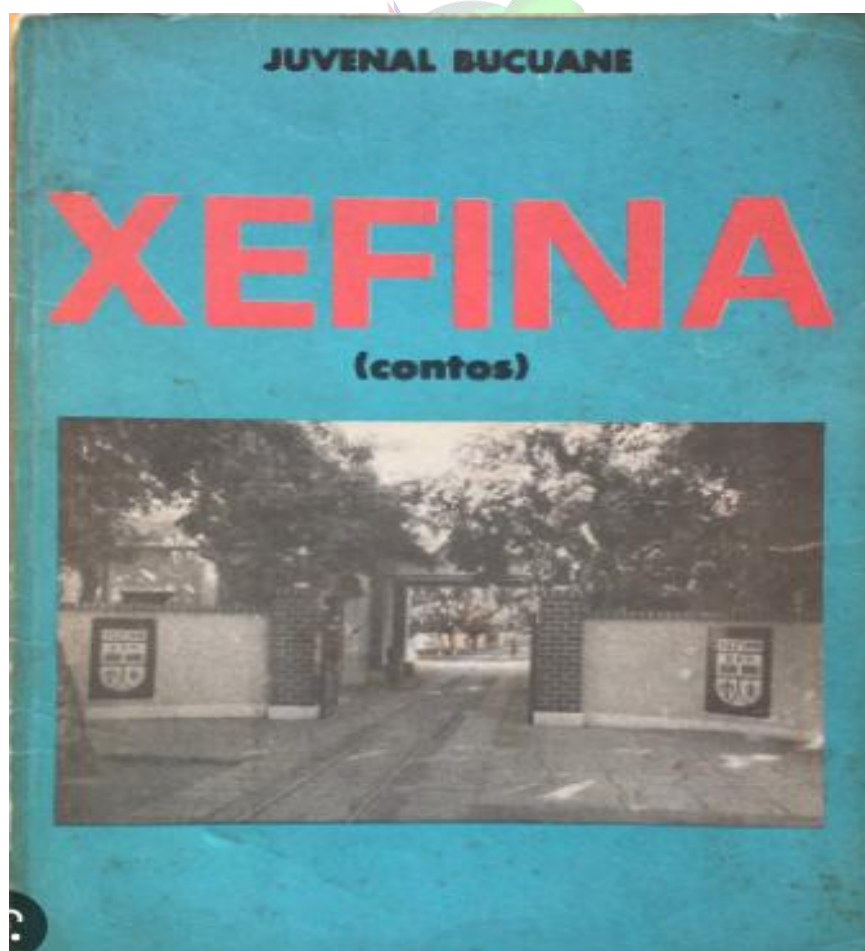
A Raiz e o Canto – 1984 (poesia)



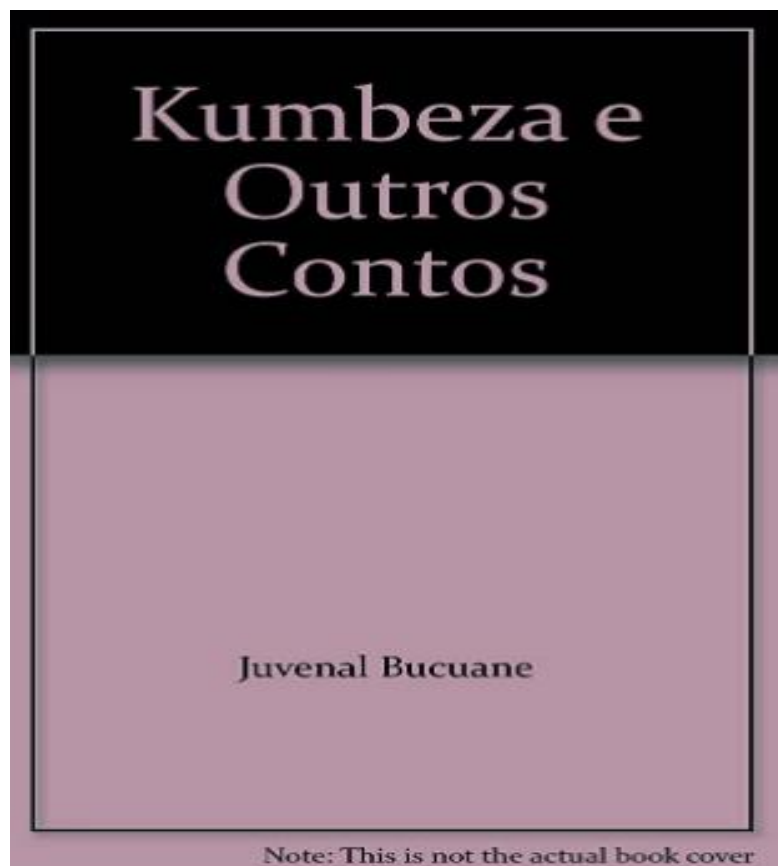
Requiem: com os olhos secos – 1987 (poesia);



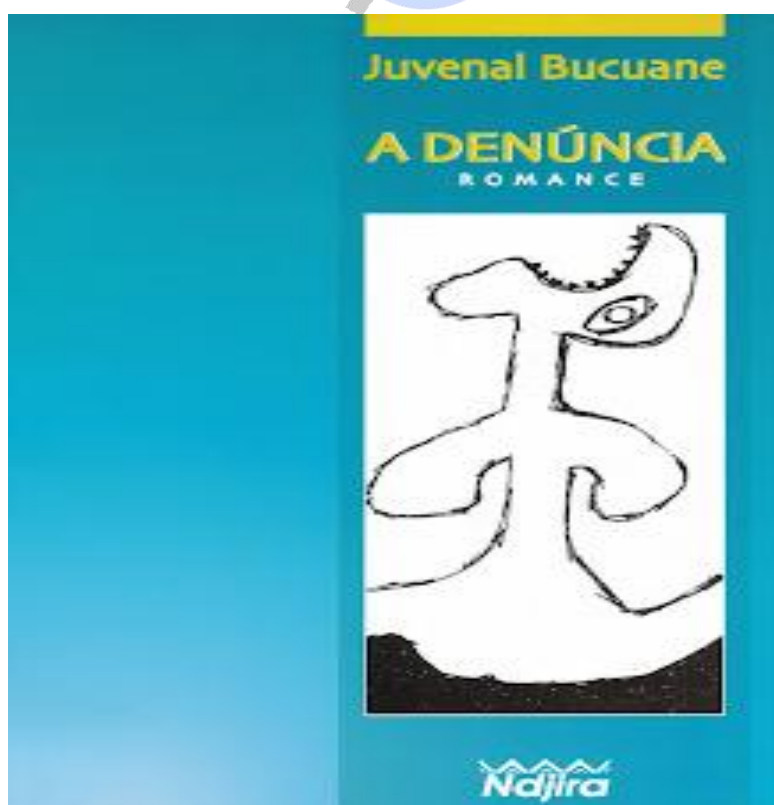
Xefina – 1989 (contos);



Kumbeza – 1997 (contos);



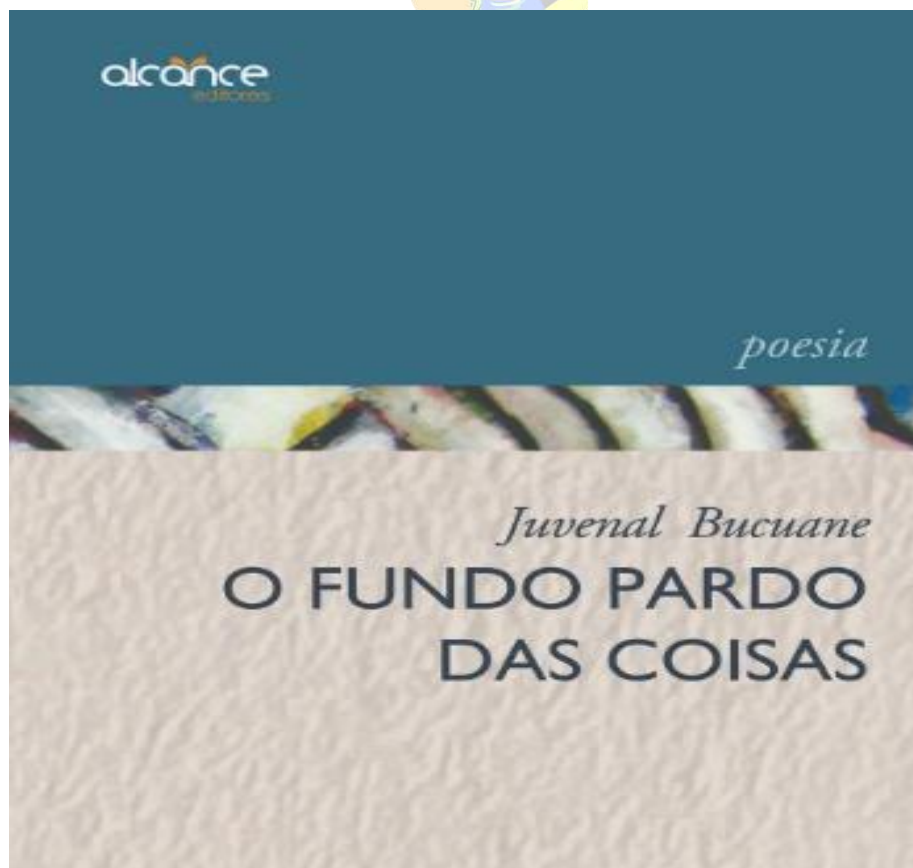
A Denúncia – 2003 (romance);



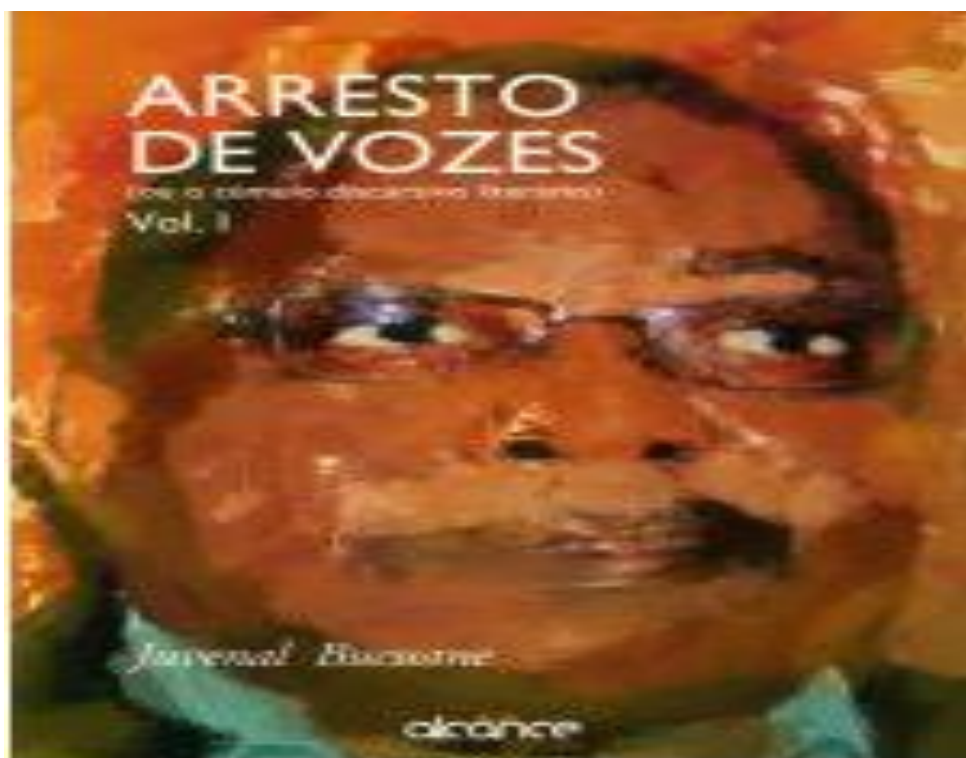
Zevo, O Miliciano (e outros contos) – 2009;



O Fundo Pardo das Coisas – 2014 (poesia);

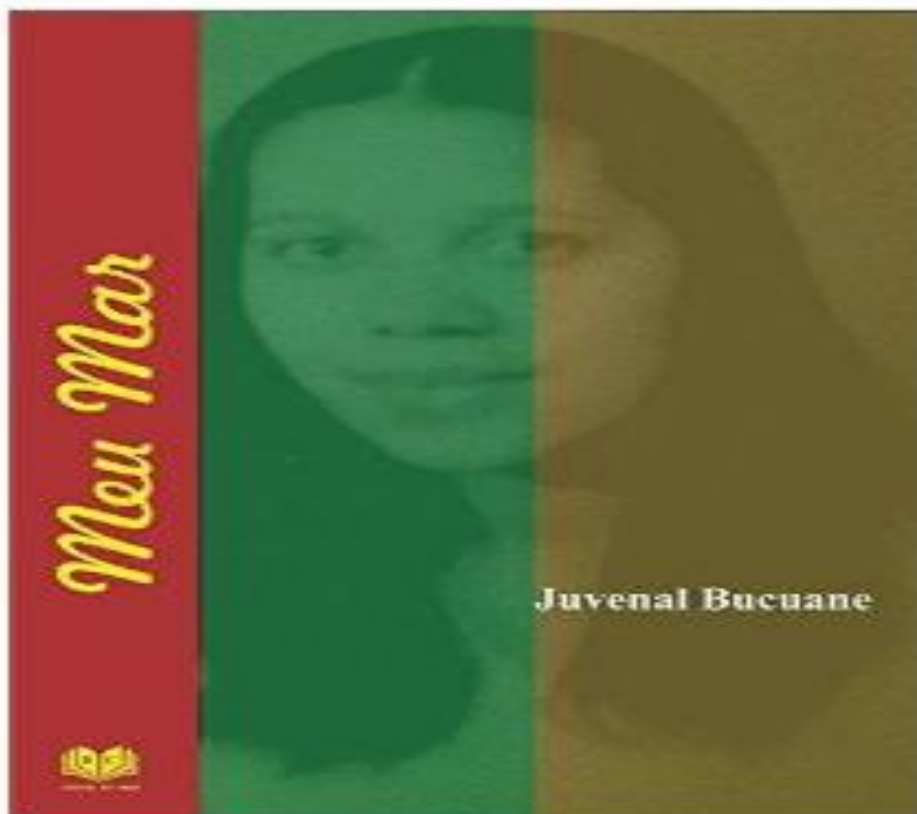


Arresto de Vozes (ou o cúmulo discursivo literário **Volume I** – 2017 (Percurso literário de Juvenal Bucuane);



Meu Mar – 2018 (poesia – Edição brasileira).

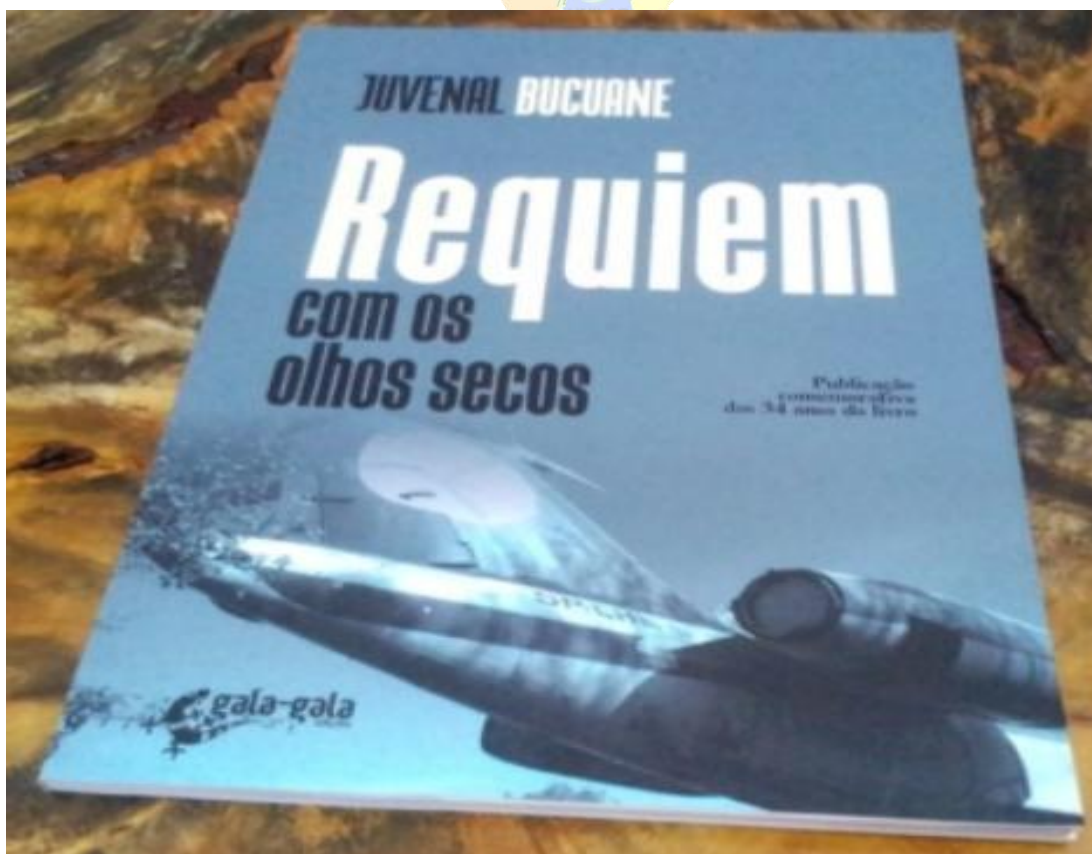
Meu Mar (2ª Edição) – 2019 (poesia – Edição moçambicana);



Bairro Indígena – Memórias do Esplendor e da Degeneração – 2021 (Memórias);

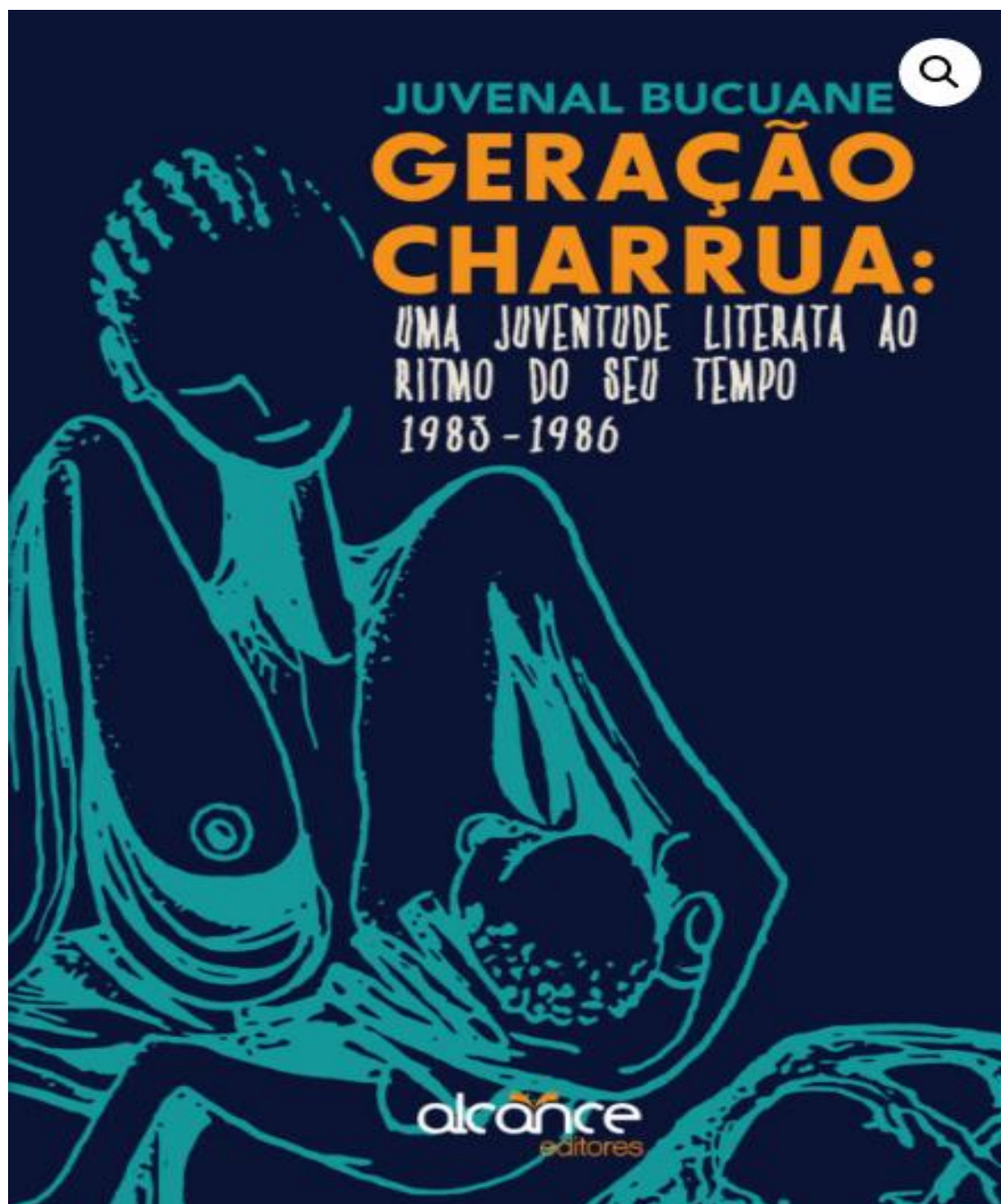


Requiem: com os olhos secos (2ª Edição) – 2021 (poesia);

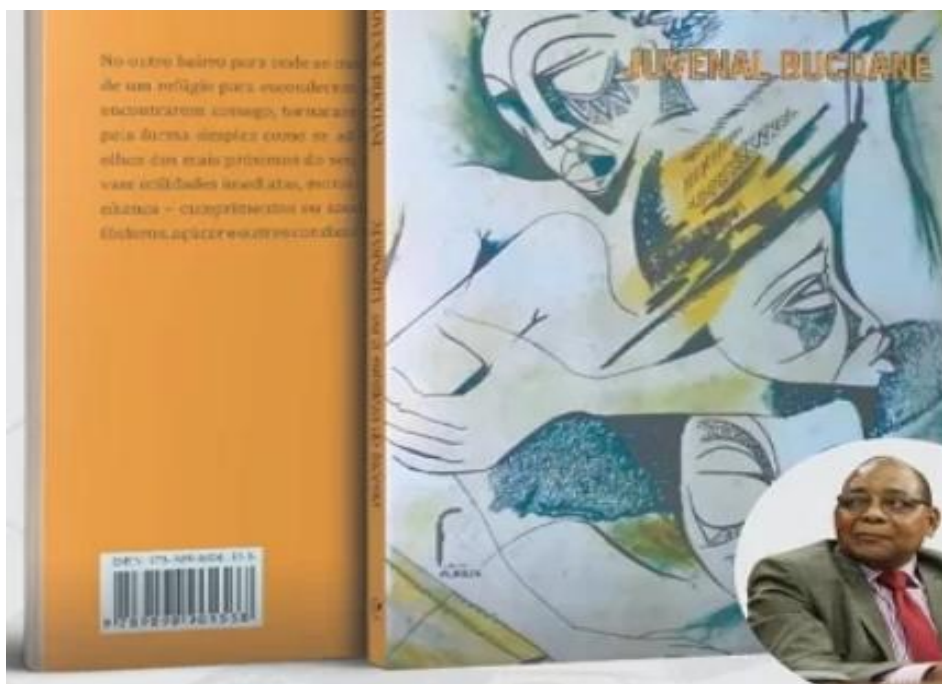


Geração Charrua: Uma juventude literata ao ritmo do seu tempo: 1983-1986 – 2022

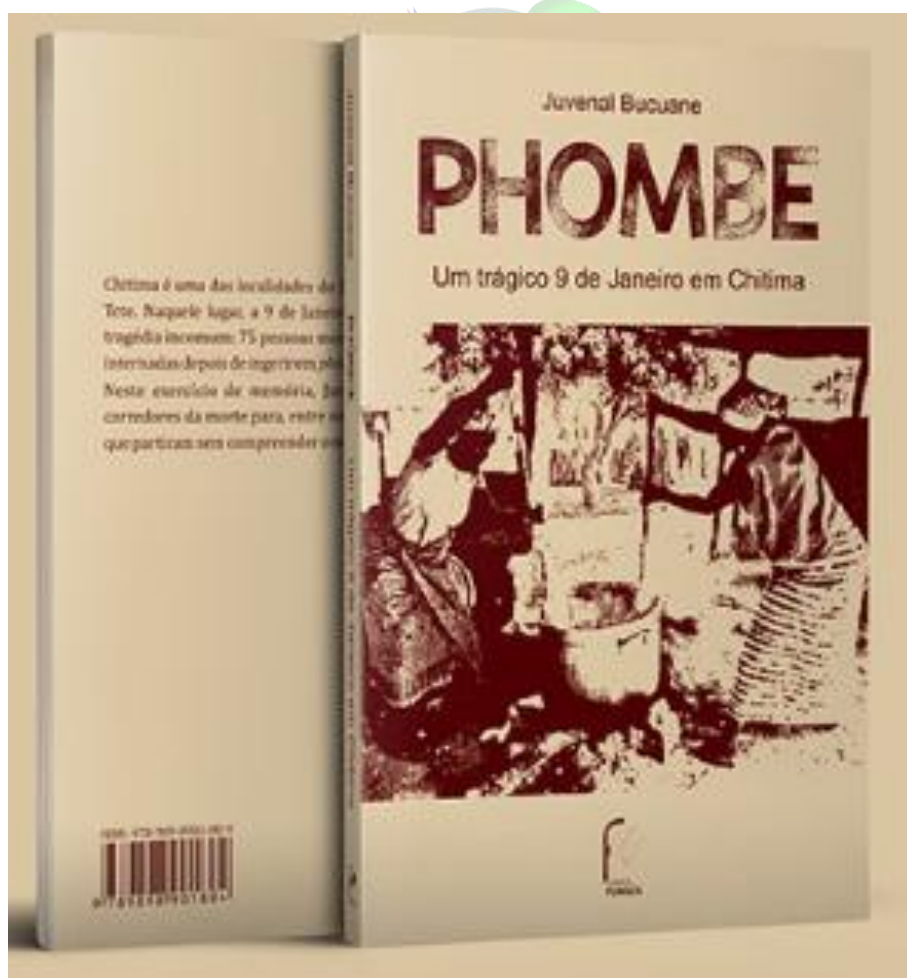
(Memórias);



Masingita – Ou a subtileza do incesto (Novela) – 2022



Phombe – Um trágico 9 de Janeiro em Chitima – 2023 (Novela)



Juvenal Bucuane

O húmus do homem novo

Não quero que vejas
nem sintas
a dor que me amargura;
Não quero que vejas
nem virtas
as lágrimas do meu pranto.
Deixa que eu chore
as mágoas e as decepções;
deixa que eu deambule;
deixa que eu pise
a calidez do chão desta terra
e o regue até com o meu suor;
deixa que me toste
sob este sol inóspito
que me dardeja o lombo sempre arqueado...
Este penar
é o resgate da esperança
que em ti alço!
Este penar
é a certeza do amanhã que vislumbro
na tua ainda incipiente idade!
Não quero que vejas
nem sintas
o meu tormento
ele é o húmus do Homem Novo

Recebido em: 28/04/2023

Aceito em: 04/05/2023

Para citar este texto (ABNT): BUCUANE, Juvenal. Como nasceu um escritor: caminhos e perspectivas. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial I, p.381-396, mai. 2023.

Para citar este texto (APA): Bucuane, Juvenal (mai.2023). Como nasceu um escritor: caminhos e perspectivas. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial I): 381-396.